

sil capta US\$ 56 ões e bate recorde órico C1 e C3 a presidente do l, câmbio e ajuste al desafiam a érica Latina A4

Recife e Curitiba são novos eixos para galpões logísticos, diz Simone Santos B9



Valor

ECONÔMICO

ANOS

Ataques

ia recebe linha branca da LG colheu a cidade de Paulínia (SP) para sua primeira fábrica de linha branca sil. A unidade deve iniciar as opera- fim de 2011 e o investimento pode a R\$ 600 milhões em alguns anos. B5

onstrói fábrica no Brasil ao setor de infraestrutura no Brasil, o Sany Group, um dos maiores fabri- de equipamentos pesados para enge- do mundo, vai construir no país sua fábrica fora da China. B8

temem nova bolha no campo gos das terras agrícolas nos Esta- tidos voltam a subir, atraem a cobri- de investidores institucionais e traz a o temor de uma nova bolha. B13

mada das aquisições es aquisições aumentaram pela pri- vez desde 2007, marcando o início de ovo ciclo de crescimento dos negó- cios. Os emergentes responderam 7% do total, percentual recorde. C2

no Siscabem Câmbio conclui nos próximos meses a im- do do novo sistema de negocia- isto de operações de moeda estran- o Siscabem Câmbio. Aumento de efi- a vai reduzir custos operacionais. C7

ras para o 'private equity' arceria com a Anbima, a Associação leira de Private Equity & Venture al (Apevca) aprova código de au- gulação para os fundos do setor. C7

io a credores do Banco Santos ca autoriza o segundo lote para imento de credores do Banco San- som isso, a massa falida chega ao lo ano com a perspectiva de, em bre- 30% de suas dívidas quitadas. C10

Notícias e Mídias Empresas



istria de moda praia no Brasil é forma- or 2,3 mil empresas, mas apenas 1% da lução é exportada. Ainda assim, um se- grupo de confecções faz sucesso nesa no exterior, como a Poko Pano, da em- ia e estilista Paula Robba, há mais de os no mercado internacional.

aradigma chinês últimos meses, o Ibovespa rompeu um icional paradigma do mercado, a pari- com a bolsa americana. Agora, o novo digma é a bolsa de Xangai. Mas a corre- com os EUA deve voltar em 2011. D2

stimento engarrafado ora Cultinvest acaba de abrir para ção o primeiro fundo de vinhos do o Bordeaux Wine Fund Multimerca- rovado pela CVM em outubro, é res- investidores "superqualificados". D3

rtização de ágio em aquisições selho de Recursos Fiscais derrubou ção da Receita contra a Dasa, que tizou o ágio da compra de dois labora- para pagar menos IR e CSLA. A decisão recedente a várias outras empresas. E1

Notícias

jo Leo ineses são apenas a face mais evi- da crescente superioridade dos no- zos importados. A2

Carlos Mendonça de Barros a volta de parte dos recursos exter- ara os mercados americanos, o Bra- de ter período difícil de ajuste. A13

Indicadores

10/12/10	100%	R\$ 57,8
Merch	1,7130/1,7150	
D	BC	1,7090/1,7098
Índice	São Paulo	11,6400/11,6500
D	Rio	1,7000/1,8200
D	Real/Euro (BC)	2,2480/2,2501
D	US\$/Euro (BC)	1,3158/1,3160

JBS e Vale disputam posição entre os grandes grupos

Antônio Félix De São Paulo

O JBS passou a Vale e ocupou, no ano passado, a liderança do ranking dos maiores grupos industriais privados do país. Os dados parciais deste ano indicam que as posições devem se inverter novamente. Em 2009, quando o JBS faturou R\$ 55,2 bilhões e a Vale R\$ 49,8 bilhões, a receita do frigorífico foi inflada pelas aquisições da Pilgrim's Pride e do Bertin, enquanto a mineradora perdeu faturamento pelo impacto da crise global sobre os preços do minério de ferro.

Neste ano, houve uma forte recuperação da demanda e de preços dos minérios — o de ferro subiu 100% — e, com isso, a Vale faturou R\$ 58,4 bilhões e o JBS, R\$ 40,8 bilhões de janeiro a setembro. Além disso, a Vale adquiriu a Fosfertil e outros ativos de fertilizantes. O JBS, segundo o Wall Street Journal, tenta comprar agora a Sara Lee, gigante americana.

A disputa entre os dois grupos está estampada no anuário "Valor Grandes Grupos", que circula hoje para assinantes e venda em bancas. A Petrobras mantém o primeiro lugar entre os grandes grupos e o Itaú tirou a segunda posição do Bra-

desco, em movimento esperado após a fusão entre Itaú e Unibanco.

A receita conjunta dos 200 maiores grupos no Brasil cresceu 3,6% em 2009, para R\$ 2,1 trilhões, segundo o anuário. O desempenho foi influenciado negativamente pelo efeito da crise internacional nos resultados das indústrias, que tiveram queda conjunta de receita de 6,9%, puxada por Petrobras e Vale. Nos grupos do comércio e de finanças, a receita cresceu 13,9% e nos de serviços, 12,4%. A indústria foi, também, a área em que houve queda expressiva de rentabilidade, de 18% para 14,6%. No total dos grandes grupos, o recuo foi de 15,1% para 13,9%.

A resistência e a força do mercado interno estão refletidas no desempenho dos grupos que atuam nas áreas da construção e engenharia. Alusa e Jereissati Participações encabeçam a lista dos dez que mais cresceram por receita bruta, registrando expansão de 106,4% e 97,9%, respectivamente.

"Valor Grandes Grupos", com 330 páginas, traz os organogramas de participação acionária de cada um dos 200 maiores grupos no país.

Le sobre JBS/Sara Lee na página B11



Classificação	Grupo	Receita bruta
2009	2008	
1	1	Petrobras 230.504,0
2	3	Itaúsa 115.680,6
3	2	Bradesco 107.270,7
4	4	Banco do Brasil 96.798,0
5	17	JBS-Frisol* 55.233,8
6	5	Vale 49.812,0
7	6	Telcel** 48.711,8
8	7	Caixa 48.671,1
9	19	OI 45.708,2
10	13	Santander 43.306,8

Fonte: Valor Grandes Grupos. Elaborado: Valor Data. * Receita bruta perfurta (descontada a participação de 64% da Pilgrim's Pride e da Bertin). ** Receita bruta consolidada em 2009 da OI Participações S.A.

Tabela da OAB é alvo de investigação

Juliano Basilio De Brasília

A Secretaria de Direito Econômico (SDE) do Ministério da Justiça abriu uma investigação contra a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). O motivo é a tabela de honorários mínimos fixados pela entidade, que serve de parâmetro para a cobrança realizada pelos profissionais do país. Se condenada, a entidade poderá arcar com uma multa de até R\$ 6 milhões. A denúncia foi apresentada pelo Ministério Público de Minas Gerais. Para o órgão, a conduta viola o princípio da livre concorrência, além de representar a prática de cartel. A OAB se diz indignada com a investigação, pois o uso da tabela não seria obrigatório. Os valores de cobrança variam conforme o Estado. Em Santa Catarina, por exemplo, os valores mais baixos são de consultas por telefone, que custam R\$ 150. Já os mais altos podem chegar a R\$ 25,5 mil. Página E1

O bilionário dos cassinos e das lutas

Gustavo Brigatto De São Paulo

Lorenzo Ferritta tem nome italiano, porte de lutador e fez fama e fortuna à custa do jogo e de lutas. Mas ele nunca esteve envolvido em polêmicas e foge dos holofotes. Aos 41 anos, Ferritta está na lista dos bilionários mais jovens dos EUA da revista "Forbes", ao lado de nomes como Mark Zuckerberg, do Facebook, Larry Page e Sergey Brin, do Google.

Seu patrimônio pessoal, estimado em US\$ 1 bilhão, foi construído ao explorar, por caminhos legítimos, atividades consideradas polêmicas. Desde os anos 90, Ferritta é um dos controladores da Station Casinos, rede de casas de jogos em Las Vegas, fundada por seu pai nos anos 70. A maior parte do seu tempo, porém, é dedicada a um negócio bem diferente: o Mixed Martial Arts, nome dado à luta que combina vários estilos de artes marciais. Ferritta está à frente do principal campeão desse esporte. Página B3

Inimigo nº 1



O senador Chuck Grassley, articulador do subsídio que prejudica o etanol brasileiro nos EUA, vai deixar o Comitê de Finanças do Senado, mas promete continuar infernizando o Brasil. Página A8

China vira importadora de milho e Brasil é favorecido

Alda do Amaral Rocha De São Paulo

A entrada da China como compradora no mercado internacional de milho e a manutenção dos subsídios ao etanol à base do grão nos Estados Unidos devem manter as cotações da commodity em patamares elevados, favorecendo as exportações brasileiras.

De um lado, a demanda chinesa por milho ajudou a sustentar os preços e atraiu exportadores americanos, abrindo espaço para os brasileiros em outros mercados, e de outro o subsídio ao etanol também eleva a demanda por milho no mercado americano.

Os volumes importados pela China

ainda são pequenos — na safra passada, 1,3 milhão de toneladas e na atual, 1 milhão —, mas boa parte dos analistas e exportadores considera que há uma mudança estrutural no país, que está deixando de ser exportador para se tornar importador de milho no curto a médio prazo. A mudança ocorre porque a China vive uma crescente demanda por alimentos, mas enfrenta restrições para ampliar sua agricultura por conta de déficit hídrico e solos pobres em algumas regiões.

Outro fator favorável ao milho é que indústrias que exportam soja para o país asiático a partir do Brasil podem aproveitar os canais já existentes para vender também o cereal. Página B14

Hypermarcas paga R\$ 2,5 bi por Mantecorp

Vanessa Adachi e Mônica Scaramuzzo De São Paulo

O grupo Hypermarcas fechou ontem a compra do laboratório nacional Mantecorp, controlado pela família Mantegazza, por R\$ 2,5 bilhões, e reforçou sua presença no setor farmacêutico nacional. O Mantecorp tem um faturamento estimado em R\$ 740 milhões e, como o Valor antecipou na semana passada, estava sendo disputado por grupo nacional e multinacional, entre eles o brasileiro Aché e o inglês GlaxoSmithKline (GSK).

O pagamento aos atuais controladores do Mantecorp será em duas partes. Uma em dinheiro, de R\$ 600 milhões, e R\$ 1,9 bilhão em ações da Hypermarcas das quais 50% não poderão ser vendidas por um período de seis meses.

Com a compra, a Hypermarcas vai adicionar às suas mais de 160 marcas uma lista de medicamentos tradicionais, como o antigripal Coristina, os anti-áltergicos Polaramine e Celestamine, o antipirético e analgésico Alivium, a linha de proteção solar Episol e de hidratação Epirat. E passará a liderar o setor farmacêutico, com vendas estimadas de R\$ 2,2 bilhões anuais. Página B1

Amazônia vai gerar 30% da hidroenergia

Josette Goulart De São Paulo

O mapa da geração hidrelétrica do país vai mudar completamente nos próximos anos com as licitações realizadas durante o governo Lula. Mesmo sob protestos ambientais, a Amazônia passará a ser responsável por quase um terço da capacidade de geração hidrelétrica do país. Serão aplicados R\$ 60 bilhões na região para a construção e instalação de sete usinas, entre elas os megaprojetos do Madeira, Belo Monte e Teles Pires. Hoje a região produz 10 mil MW por meio de seus rios e vai superar os 30 mil MW com os novos projetos. A grandiosidade dos números também vai se refletir no ranking dos grandes geradores. A Neonerger, que liderou o consórcio vencedor do leilão de Teles Pires, na sexta-feira, será a segunda maior atrás da GDF Suez. O japo-francês belga sequer deu lances no leilão de sexta-feira, deixando a Eletronor fora da disputa. Página B10

Região parece um outro país, mais pobre

Daniela Chiarelli De São Paulo

A boa notícia revela que o desmatamento da Amazônia nunca foi tão baixo. A má notícia é que, apesar de alguma melhora, a Amazônia está muito pior que o Brasil nos níveis de poluição, doenças, saneamento básico e saúde materna. Os brasileiros que vivem em nove Estados da floresta parecem fazer parte de outro país. A pobre atinge 42% da população amazônica em 2009, enquanto a média brasileira era de 29%. Das quase 24 milhões de pessoas que moravam na Amazônia 80% viviam em áreas urbanas e 10 milhões ganhavam menos de meio salário mínimo por mês.

Paradoxalmente, na região com mais recursos hídricos no mundo, 3 não têm acesso a água encanada. E 8 dos municípios não têm esgoto. Estudos foram recolhidos e analisados em um raio-X da região feito pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). Página A12

Empresas Indústria

Construção Empresas e investidores descobriram o potencial desse negócio fora do Estado de São Paulo

Nordeste e Sul atraem projetos de galpões logísticos

Daniela D'Ambrosio
De São Paulo

O mapa dos condomínios industriais passa por uma rápida transformação no Brasil. O fortalecimento de novos mercados consumidores e de pontos de escoamento da produção estão levando os galpões logísticos e de armazenagem para fora do eixo óbvio. Nos últimos três anos, houve uma explosão da oferta nos arredores de São Paulo — principalmente no entorno das rodovias Anhanguera, Castelo Branco e Bandeirantes. Agora, empresas e investidores começam a migrar para outras regiões,

especialmente Nordeste e Sul. O aumento do consumo gerado pela elevação da renda estimulou o segmento. Os galpões logísticos servem como apoio para indústrias dos mais variados setores e entraram na mira dos investidores nos últimos três anos. Até porque o parque instalado no Brasil ainda é simples e obsoleto, com pé direito baixo e com menos de seis metros (hoje não se fala em menos de 12 metros), para um único usuário e sem as especificações exigidas pelas empresas e investidores.

O primeiro lugar procurado para alugar os armazéns multiuso, claro, foi também o eixo das principais rodovias paulistas. Mas o elevado preço das terras e a presença de vários concorrentes nesse entorno — e o concomitante desenvolvimento de outras regiões do país — inicia um movimento de expansão importante. Na nova fronteira de desenvolvimento, as áreas portuárias de destaque e a intermodalidade, que privilegia a integração entre estradas, ferrovias e os portos, ganha importância cada vez maior.

Estudo encomendado pelo Valor à Herzog, empresa especializada em imóveis industriais, mostra que 71% do estoque existente está no Sudeste. De um total de 4,48 milhões de metros quadrados disponíveis no Brasil, 3,1 milhões de metros quadrados prontos estão no Sudeste, que deve receber mais 1,1 milhão de m² no próximo ano.

Os dois principais eixos de desenvolvimento, segundo a Herzog, são a grande Recife, no Nordeste, e a Grande Curitiba, no Sul. Segundo Simone Santos, responsável pelo estudo, a cidade de Jaboatão dos Guararapes, alavancada pelo porto de Suape, é a principal responsável pelos investimentos ocorri-

dos nos últimos três anos em condomínios industriais no Nordeste.

O Bolsa-Família tornou o Nordeste um mercado consumidor polpudo e o resultado são os recentes anúncios feitos por grandes setores da economia. O recente anúncio da fábrica da Fiat, no Complexo de Suape, e a chegada da Companhia Siderúrgica de Suape — além da fábrica da Ambev e da Kraft Foods, anunciadas anteriormente —, devem estimular uma série de fornecedores a também se instalar na região.

Apenas em 2011, o Nordeste vai receber um estoque maior de galpões industriais do que aquele que já foi construído em toda a sua história. São 195 mil m² novos, segundo a Herzog, contra 145 mil m² já existentes. "Na Grande Recife, já são 75 mil metros quadrados, que podem ser triplicados nos próximos três anos", afirma Simone.

O maior e mais ousado projeto do Brasil, com 15 milhões de m² e fica ao lado do porto de Suape (ver texto ao lado).

O maior e mais ousado projeto do Brasil nesse segmento, com 15 milhões de m², fica ao lado do porto de Suape

Empresas especializadas em atuar nos novos eixos são as maiores beneficiadas com a expansão. A Capital Realty é a maior em desenvolvimento de galpões logísticos no Sul do país, com 350 mil metros quadrados construídos e R\$ 300 milhões investidos. Está desenvolvendo dois grandes empreendimentos, um em Esteio (RS) e outro em Itajaí (SC). A empresa procura se destacar com serviços diferenciados, como posto de gasolina dentro dos condomínios e terminais ferroviários — Esteio tem uma linha de trem operada pela ALL dentro do complexo industrial.

"Em São Paulo, a demanda é grande, mas a concorrência também é muito forte", afirma Rodrigo Demeterco, diretor-geral da Capital Realty. "Aqui, nós conhecemos a região e conseguimos nos diferenciar", diz.

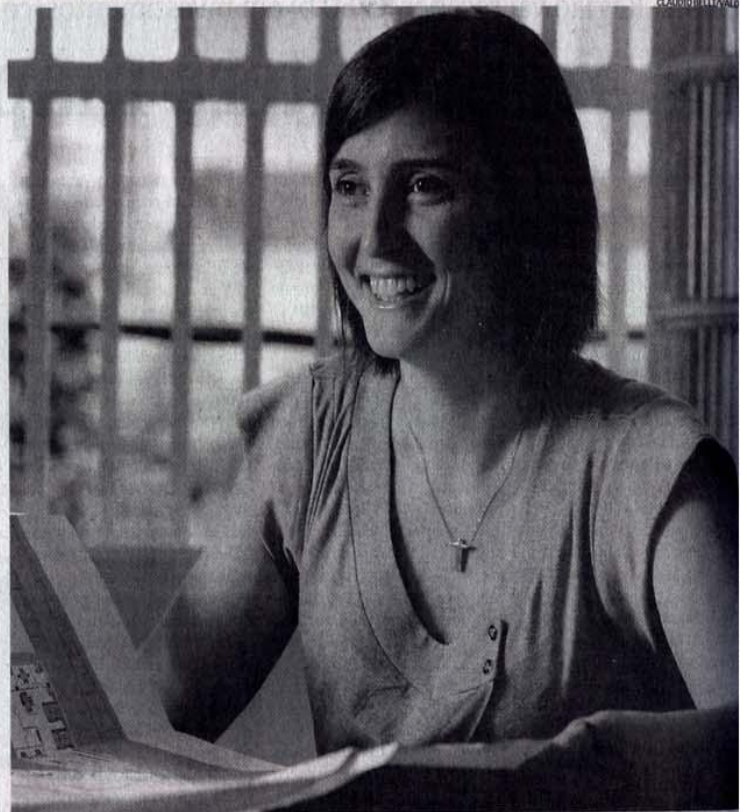
A Veremonte Real Estate, do espanhol Enrique Bañuelos, está negociando terrenos no Espírito Santo e em Navegantes (SC) e já fechou 120 mil m² em Confins (MG). Também estuda o mercado do Centro-Oeste que, segundo a Herzog, tem taxa de vacância inferior a 2%, con-

tra mais de 8% no Sudeste. "No Centro-Oeste começam a aparecer consultas das duas partes, tanto de empresas que querem ir para lá, como de donos de terras que querem investidores estratégicos e financeiros para ajudar a desenvolver projetos", afirma Luiz Fernando Davantel, diretor da companhia. Na sua opinião, ainda não adianta ir para mercados que não absorvam preços de locação na casa de R\$ 14 a R\$ 15. "Tem de ter empresa disposta a pagar por um padrão de desenvolvimento igual ao de São Paulo", diz, acrescentando que o mercado de Minas Gerais é um dos mais maduros.

A mineira MRV, especializada em baixa renda, está investindo na área logística com a MRV Log. A companhia aproveita o know-how na compra de terrenos no eixo rodoviário para atuar nesse segmento. Ela tem 50 mil m² de área bruta locável ficando prontos (Contagem, Belo Horizonte e Jundiaí) e 750 mil m² em projetos. A empresa estudou o mercado de galpões multiuso nos Estados Unidos e, além de São Paulo e interior, possui terrenos em Goiânia, Vitória, Campos, Macaé, Uberlândia e Londrina. "A precariedade fora de São Paulo e Campinas para armazenagem e distribuição de mercadorias é enorme", diz Rubens Menin, presidente da MRV. "As terras estão mais baratas e isso faz diferença."

epDe acordo com o levantamento, de maneira geral, em todo o Brasil, o preço dos aluguéis teve aumento considerável por conta da falta de estoque. No Sudeste, os preços oscilam, dependendo da qualidade, de R\$ 14 a R\$ 25 o metro quadrado. No Sul e Norte, os preços oscilam entre R\$ 10 e R\$ 19. No Nordeste chegam no máximo e R\$ 14,5 e R\$ 14, no Centro-Oeste.

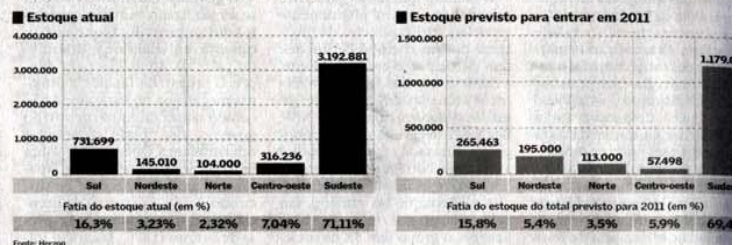
Empresas que estruturam fundos e reúnem aporte de investidores também estão ativas nesse segmento, como a TRX Realty, que tem cerca de R\$ 1 bilhão para investimentos imobiliários. A TRX tem 51% dos empreendimentos em São Paulo, mas Minas já representa 14% e Rio de Janeiro, 15%. Por enquanto, a empresa atua no modelo "build to suit" (construção sob medida) — aliás, foi como começou o desenvolvimento industrial da região — e está estudando comprar grandes áreas para fazer parques logísticos. "Há muitas vias de escoamento alternativas no Sul e Nordeste, os investidores estão muito interessados nesse mercado", diz José Alves Neto, da TRX.



Simone, diretora da Herzog, diz que os dois novos eixos de desenvolvimento são a Grande Recife e a Grande Curitiba

Universo dos galpões

Estoque total de condomínios industriais (em m²)



Fonte: Herzog